

Brincadeiras: Relato de Experiência com Ensino Infantil a Partir da Perspectiva Cultural

Geovânia Silva Mota¹
Sirlânia Souza Pereira²
Marlon Messias Santana Cruz³

Resumo

O presente estudo trata-se de um relato de experiência da prática pedagógica do estágio supervisionado do curso de licenciatura em Educação Física do Campus XII da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), realizado em uma Escola da Rede Municipal da cidade de Guanambi/BA. Objetivo elucidar como se deu a prática pedagógica no contexto do estágio supervisionado com intuito de problematizar e vivenciar as brincadeiras que fazem parte da realidade cultural dos alunos. A Prática pedagógica foi pautada na perspectiva cultural da Educação Física na proposta por Neira e Nunes (2008, 2009), a partir do campo teórico dos Estudos Culturais e do Multiculturalismo Crítico. Este currículo procura dar voz aos grupos subordinados que por muito tempo tiveram seus saberes negados pelo currículo imposto e elitizado. Sendo que defende e valoriza a diversidade cultural que permeia a realidade escolar. A partir do mapeamento identificamos as brincadeiras como cantiga de roda, amarelinha, carrinho, boneca, terra mar, da ga, pengo – pengo/três três passará que foi tematizada, problematizada como questões de gênero e essas foram vivenciadas no decorrer das nossas ações pedagógicas. Conclui-se que o trabalho que, apesar das limitações e obstáculos vivenciado durante o processo de estágio, pode afirmar-se que essa experiência contribuiu para a nossa formação pessoal e profissional, além de possibilitar a reflexão acerca da importância da Educação Física no âmbito escolar. Desta forma reconhecemos a importância do estágio que possibilita ao aluno ainda no processo de graduação a vivenciar situações desafiadoras que poderão ocorrer durante a sua atuação.

Palavras chave: Estágio supervisionado. Educação Física. Brincadeira.

Introdução

O presente trabalho trata-se de um relato de experiência da prática pedagógica vivenciada no âmbito do estágio supervisionado realizado em uma Escola da Rede Municipal da cidade de Guanambi/BA, por graduandas do curso de Licenciatura em Educação Física do Campus XII da Universidade do Estado da Bahia (UNEB).

¹ Graduanda do curso de Licenciatura em Educação Física UNEB - Universidade do Estado da Bahia DEDC - Departamento de Educação - Campus XII. geovania_mota@hotmail.com

² Graduanda do curso de Licenciatura em Educação Física UNEB - Universidade do Estado da Bahia DEDC - Departamento de Educação - Campus XII. sirlaniasouza2012@hotmail.com.

³ Especialista em Metodologia do Ensino e da Pesquisa em Ed. Física pela Universidade Federal da Bahia, Brasil (2008). Professor Auxiliar da UNEB - Universidade do Estado da Bahia DEDC - Departamento de Educação - Campus XII. marlonmessias@hotmail.com.

O estágio é um componente curricular que possibilita que o graduando se aproxime do mundo do trabalho e se prepare para a sua futura carreira profissional. Nesta perspectiva Pimenta e Lima (2004, p.45) afirmam que “[...] a finalidade do estágio é propiciar ao aluno uma aproximação à realidade na qual atuará”.

As ações pedagógicas desenvolvidas no estágio foram pautadas na perspectiva cultural da Educação Física proposta por Neira e Nunes (2008, 2009), a partir do campo teórico dos Estudos Culturais e do Multiculturalismo Crítico. O currículo cultural da Educação Física procura valorizar os saberes da cultura popular que nem sempre são validados no currículo escolar. Sendo que dentre estas manifestações culturais que permeiam a escola as brincadeiras foi o conteúdo identificado durante o mapeamento, a partir da realidade dos alunos problematizamos algumas brincadeiras como amarelinha, cantiga de roda entre outras e brincadeiras africana.

O estudo tem por objetivo de elucidar como se deu a prática da pedagógica no contexto do estágio supervisionado com intuito de problematizar e vivenciar as brincadeiras que fazem parte da realidade cultural dos alunos bem como tematizar algumas brincadeiras africanas com o intuito de ampliar o repertório cultural acessado pelos alunos

Caminho percorrido

A nossa prática foi desenvolvida em uma Escola da Rede Municipal da cidade de Guanambi/BA. O espaço conta com um quadro de aproximadamente dez professores, graduados em pedagogia e alguns desses ministram as aulas de Educação Física, mas nenhum deste possui Licenciatura na aérea.

Sendo que as aulas prática do componente curricular Educação Física são desenvolvida no pátio da escola ou na quadra da praça do bairro, uma vez que nesta escola não tem quadra poliesportiva.

No que se refere à estrutura, esta dispõe de sete salas, sendo que cinco destas são salas de aluas, uma sala de informática, uma dos professores, que serve também de biblioteca, uma sala para o Projeto Mais Educação, uma diretoria e uma cantina. Essa escola funciona no turno matutino e vespertino, atendendo alunos do Ensino Fundamental I e do Ensino Infantil. O estágio foi realizado em duas turmas do ensino infantil, sendo uma do 4º e outra do 5º período.

As nossas atividades foram divididas da seguinte forma, inicialmente observamos as aulas de Educação Física a fim conhecer minimamente a dinâmica das turmas e das professoras bem com nos aproximar dos alunos.

Posteriormente foi realizado o mapeamento ferramenta que se faz presente na perspectiva cultural. Que conforme Neira (2011, p.107) “Mapear quer dizer identificar quais manifestações corporais estão disponíveis aos alunos, bem como aqueles que, mesmo não compondo suas vivências, encontram-se no entorno da escola ou no universo cultural mais amplo”.

Sendo que o mapeamento foi realizado por meio de desenho, roda de conversa a fim de identificar as práticas corporais que se faz presente no universo cultural destes alunos a partir das temáticas encontradas vivenciaremos, problematizaremos e refletiremos acerca de algumas questões como de gênero, etnia e classe social.

Durante a realização do mapeamento com os alunos do 4º e 5º período foi identificada a temática brincadeira, a partir deste interesse das turmas, ao longo do nosso estágio problematizamos brincadeiras mencionadas pelos alunos/as bem como brincadeiras de origem africanas, sendo essas: amarelinha, cantiga de roda, carrinho, boneca, terra mar, da ga, pengo- pengo/três três passará sendo que as três últimas são brincadeiras de origem africanas. Para a realização das atividades foi necessário à utilização de materiais como: giz, notebook, pen drive, papéis, aparelho de som, pedra, boneca, carrinho, fitas, pincel, tatame e data show.

Relato da prática pedagógica

Durante todo o período do estágio, as aulas foram planejadas de acordo com as brincadeiras sugeridas pelos alunos durante o mapeamento sendo que em virtude da proximidade do dia da consciência negra que marca a data em que Zumbi símbolo de luta e resistência foi morto em 20 de novembro de 1695, data escolhida para se comemorar o Dia da consciência negra. E diante disso optamos por tematizar também algumas brincadeiras africanas.

Sendo que as primeiras aulas do estágio foram destinadas a observação e durante este processo percebemos que as questões de gêneros faziam se marcantes nas duas turmas do ensino infantil do 4º e 5º período, notamos também que as questões de gênero eram meio que “reafirmadas/reforçadas” pela docente e pelos pais, uma vez que para vivenciar algumas brincadeiras como, dentro e fora, morto e vivo, a docente separava a turma por sexo, primeiros às meninas brincavam, depois os meninos, inicialmente ela disse que era por conta do pouco

espaço, e quando um aluno questionou o porquê das meninas primeiro ela respondeu que as garotas eram mais obedientes, porém ficou nítido que na visão dela as meninas não poderiam brincar com os meninos porque algumas estavam no momento de saia ou de vestido. Sendo assim a uma necessidade do professor em superar a visão de dividir os alunos durante as aulas, pois como afirma Netto(2004, p. 9) que “[...] uma reflexão incisiva sobre essas questões se faz extremamente necessária e extremamente urgente, para vivenciarmos uma escola embasada em valores de respeito, justiça e igualdade entre as pessoas, sobrepondo os valores de preconceito, desigualdade e injustiça que estão presentes em nossa sociedade”.

Presenciamos também algumas cenas em que os pais escolhiam quais colegas deveriam ficar sentados ao lado dos seus filhos, quando menina, eles escolhiam outra garota e aquela que a filha mais se identificava e o mesmo acontecia com os meninos.

Para tentar mudar minimamente esse cenário, em nossas intervenções procuramos desenvolver as atividades formadas por grupos mistos. Em virtude da sala de aula possuir pouco espaço o que limitava o andamento das atividades desenvolvidas, optávamos sempre por dispor as cadeiras, um determinado lado e com intuito de obter mais espaço para a realização das atividades.

No decorrer das intervenções problematizamos e vivenciamos algumas brincadeiras presentes na realidade dos alunos, identificadas no mapeamento, e no intuito de ampliar o acervo acessado por estes alunos. Sendo que ampliar “implica em recorrer a outros discursos e fontes de informação, preferivelmente, aqueles que trazem olhares diferentes e contraditórios com as representações e discursos acessados nos primeiros momentos” (NEIRA, 2011, p.135).

Para problematizarmos a amarelinha, procuramos inicialmente identificar o que os alunos conheciam da brincadeira, para isso pedimos para eles desenhar a amarelinha e solicitamos que alguns demonstrassem e explicassem como se brinca e à medida que e explicavam, perguntávamos se alguém brincava de outra forma. Diante disso, notamos que grande parte da turma só sabia a mecânica do jogo, ou seja, como deveriam pular. Com isso, tivemos que utilizar algumas aulas para tentar explicar como se brinca de amarelinha.

Para tematizar as brincadeiras com carrinhos e bonecas, solicitamos que os alunos levassem os brinquedos e no primeiro momento da aula solicitamos que brincassem livremente, e em poucos minutos haviam formado dois grandes grupos distintos um de meninas brincando com bonecas e outro de meninos brincando com carrinho. Pouco tempo depois solicitamos que trocassem os brinquedos e nisso as meninas trocaram de bonecas entre si e os meninos também trocaram de carrinhos entre si e quando fomos mais específicas

solicitando que as meninas brincassem com os carrinhos e os meninos com as bonecas, eles se recusaram.

No final da aula fizemos uma roda de conversa e perguntamos: “Por que menino não poderia brincar de boneca e menina de carrinho?” Alguns alunos responderam porque os pais falaram que não poderia e neste momento um aluno disse que as meninas poderiam brincar com carrinhos desde que fossem rosa.

Diante disso podemos perceber com as questões gênero permanece enraizada em nossa sociedade, pois os alunos do estágio são crianças de aproximadamente cinco a seis anos e já defende o que meninos e meninas podem realizar e qual a cor a ser usada e esta define de cada sexo sendo azul para meninos e rosa para meninas. Percebemos através da fala deles que a mulher/menina pode utilizar um objeto que de acordo eles que foi historicamente determinado como masculino pode ser utilizado deste que seja da pré-determinado como feminino.

Ao contextualizarmos as brincadeiras africanas explanamos minimamente acerca de questões como a escravidão e semelhança de algumas brincadeiras que fazem parte da nossa realidade das brincadeiras africanas, como é o caso da brincadeira pengo-pengo que é bem semelhante a uma brincadeira realizada no Brasil chamada três-três-passará.

Vale mencionar que a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) coloque que se deve problematizar a cultura afro em todos os níveis de ensino, exceto o infantil, ainda são pouquíssimas as discussões estabelecidas sobre a cultura e a história do povo africano durante as aulas na escola.

Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental eméδιο, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensinossobre História e Cultura Afro-Brasileira. (BRASIL, 2003).

Sendo que, quando algum conteúdo da cultura afro é mencionado no contexto escolar é somente durante datas comemorativas e esquecida no decorrer do semestre letivo.

Pereira; Alves Júnior; Silva. (2009) citam Maranhão (2006) que afirma que os jogos na cultura africana, bem como os jogos de outras culturas, possuem algumas particularidades em relação a gênero, idade e número de participantes, sendo que alguns jogos africanos são praticados apenas por meninas e outros só por meninos. Coloca ainda que é fundamental levar em consideração o contexto no qual o jogo se desenvolveu para que haja compreensão e respeito com relação à cultura do outro. (PEREIRA; ALVES JÚNIOR; SILVA. 2009, s/p).

Diante do exposto fica nítido que é pouco relevante vivenciar uma brincadeira de origem africana sem levar em conta o seu contexto sócio-cultural, pois negar a contextualização histórica de determinada prática corporal é o mesmo que desconsiderar as representações sociais que permeia tal prática.

No decorrer do processo nos deparamos com algumas limitações, dentre elas podemos citar o espaço, pois as maiorias das nossas vivências se deram na sala que eram pequenas e lotadas, e às vezes era praticamente impossível prender a atenção de todos os alunos, pois estes sempre estabeleciam conversas paralelas entre se, quando optávamos por realizar as aulas no pátio da escola e este é bem irregular e por conta disso os alunos caíam com muita facilidade. Além disso, durante todo o mês de outubro escola organizou uma programação nas sextas-feiras referente ao dia da criança e isso comprometeu o andamento das nossas atividades.

Considerações finais

A apesar das limitações e obstáculos vivenciada durante o processo de estágio pode se afirma que essa experiência contribui para a nossa formação pessoal e profissional, além de possibilitar a refletir acerca da importância da Educação Física no âmbito escolar.

Desta forma reconhecemos a importância do estágio que possibilita ao aluno ainda no processo de graduação a vivenciar situações desafiadoras que poderão ocorrer durante a sua atuação profissional, bem como vivenciar a realidade da escola pública e necessidade do docente enquanto mediador do conhecimento procure valorize a diversidade cultural e que almeje a construção de uma sociedade justa e democrática.

Quanto à temática problematizada podemos afirma que está faz parte da cultura corporal e que deve ser tematizada, vivenciada e ressignificada no âmbito escolar, pois as brincadeiras faz parte do universo cultural sejam infantis os nos demais níveis de ensino, devemos ressaltar também que durante o estágio as brincadeiras oriundas da cultura africana sempre estiverem presentes na nossa prática pedagógica e quantas semelhanças as brincadeiras de origem africana estão imbricada a brasileira.

Referências

BRASIL. **Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais**. Ministério da Educação e Cultura/ Secretaria da educação Continuada, Alfabetização e Diversidade Brasília: MEC/SECAD, 2006.

NEIRA, M.G.; NUNES, M. L. F. **Contribuições dos estudos culturais para o currículo da educação física**. Rev. Bras. Ciênc. Esporte, Florianópolis. 2011.

NETTO, N. S. P. **A Superação das Construções de Gênero no Contexto da Educação Física Escolar: Algumas Reflexões**. Curitiba. 2004

PEREIRA, A. A.; GONÇALVES JUNIOR, L.; SILVA, P. B. G. **Jogos africanos e afro-brasileiros no contexto das aulas de educação física**. In: XII Congresso da Association Internationale pour la Recherche Interculturelle (ARIC): diálogos interculturais: descolonizar o saber e o poder, 2009, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: UFSC, 2009. p.1-18. (ISBN: 978-85-87103-36-9).

PIMENTA, S. G. e LIMA, M.S. L. **Estágio e Docência** – São Paulo: Cortez, 2004.